

O que dizem os Papas e José Saramago sobre a casa mundo

Maria Irene da Fonseca e Sá

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Resumo: Os Papas têm escrito Encíclicas abordando a qualidade de vida do ser humano. Em 2015, o Papa Francisco escreveu a Encíclica *Laudato si'*: *sobre o cuidado da «casa comum»*, onde é feito um apelo ao combate à pobreza e à danificação ambiental. Saramago manifestava a mesma preocupação com o mundo e com o rumo da humanidade. Em 1973, ele escreveu no Diário de Lisboa: «Qual mundo é a nossa casa?». Como estamos cuidando da nossa casa e como estamos vivendo na nossa casa? O trabalho visou identificar semelhanças entre a fala dos Papas nas Encíclicas estudadas e as falas de Saramago.

Palavras-chave: José Saramago; Encíclicas; humanidade; mundo.

What the Popes and José Saramago say about world house

Abstract: Popes have written Encyclical addressing the quality of life of human beings. In 2015, Pope Francis wrote the Encyclical *Laudato si'*: *on the care of the «common home»*, where an appeal is made to fight poverty and environmental damage. Saramago expressed the same concern for the world and for the direction of humanity. In 1973, he wrote in the Diário de Lisboa: «Which world is our home?». How are we taking care of our home and how are we living in our home? The work aimed to identify similarities between the speech of the Popes in the studied Encyclicals and the speech of Saramago.

Keywords: José Saramago; Encyclical; humanity; world.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), em seu artigo xxv, estabelece que «Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis [...]» (ONUBR 2009: 13). No entanto, a desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são desafios atuais e que são discutidos em várias obras de José Saramago.

Por outro lado, ambientalistas, ecologistas, economistas e outros profissionais vêm alertando a humanidade para a escassez dos recursos naturais do planeta; para as alterações/mudanças provocadas pelo mau uso; e a necessidade de cuidado com a qualidade de vida dos seres humanos, atualmente e no futuro.

Também Encíclicas, abordando o tema da qualidade de vida do ser humano no mundo, têm sido escritas. Em 2015, o Papa Francisco escreveu a Encíclica *Laudato Si': sobre o cuidado da «casa comum»*. Assim, o Papa Francisco faz uso de seu poder, como autoridade máxima da Igreja Católica Apostólica Romana, para tentar sensibilizar a humanidade para a deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social. É criticado o consumismo e o desenvolvimento irresponsável e é feito um apelo à mudança para combater a pobreza, os danos ambientais e as alterações climáticas. «Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum» (Francisco 2015: 4). «O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar» (Francisco 2015: 13).

O escritor português José Saramago também manifestava a mesma preocupação. Em vários de seus romances e nas suas falas está presente a preocupação com o mundo e com o rumo da humanidade. Em 5 de junho de 1973, Saramago escreve no *Diário de Lisboa* um texto cujo título é: *Qual mundo é a nossa casa?* «Celebra-se hoje o Dia Mundial do Ambiente [...] Primeiramente, caberia uma meditação sobre o tema deste dia, que é, com alguma sentimentalidade, 'o mundo é a nossa casa'» (Saramago 2014b: 138). Assim, o autor, em 1973, usa expressão semelhante à utilizada pelo Papa Francisco em 2015: casa. Como estamos cuidando da nossa casa e como estamos vivendo nela são as questões. Saramago alerta que «As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra» (Saramago 1998: 22-23).

O trabalho diz respeito ao olhar de alguns Papas e de Saramago sobre o mundo contemporâneo e teve por objetivo identificar semelhanças entre a fala dos Papas nas Encíclicas estudadas e a fala de José Saramago, a partir do estudo de sua obra.

O Papa João XXIII e a Encíclica *Pacem in terris* (1963)

O Papa João XXIII, nascido Angelo Giuseppe Roncalli em 1881 e falecido em 1963, foi Papa de 28 de outubro de 1958 até à sua morte em 1963.

Ele foi considerado, inicialmente, um Papa de transição, pois foi eleito quando já tinha 77 anos, depois do longo pontificado do Papa Pio XII. No conclave de 1958 havia vários candidatos favoritos e os cardeais-eleitores optaram por um candidato idoso e de compromisso. Angelo Roncalli, um homem modesto e idoso, foi eleito na 11.ª votação. Ele convocou o Concílio Vaticano II, que visava a renovação da Igreja. No seu curto pontificado de cinco anos escreveu oito Encíclicas. Uma das principais foi a *Pacem in terris* (Paz na Terra), dedicada «a todos as pessoas de boa vontade». Devido à sua bondade, simpatia, sorriso, jovialidade e simplicidade, João XXIII era aclamado mundialmente como o «Papa bom» ou o «Papa da bondade». Em 1962, o Papa pediu a todos os governantes do mundo para se esforçarem para salvaguardar a paz. Acredita-se que esta mensagem, difundida pela Rádio Vaticano, foi importante para a diminuição de tensões entre a União Soviética e os Estados Unidos.

O Papa João XXIII, na Encíclica *Pacem in terris*, dirigida «a todas as pessoas de boa vontade» (João XXIII 1963), fala dos direitos e das relações dos seres humanos, critica o crescente desenvolvimento de armamento, ao mesmo tempo em que rejeita a guerra e transmite uma proposta de paz. Ele fala da importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em dezembro de 1948.

[...] o documento assinala um passo importante no caminho para a organização jurídico-política da comunidade mundial. De fato, na forma mais solene, nele se reconhece a dignidade de pessoa a todos os seres humanos, proclama-se como direito fundamental da pessoa o de mover-se livremente na procura da verdade, na realização do bem moral e da justiça, o direito a uma vida digna, e defendem-se outros direitos conexos com estes (João XXIII 1963).

Corroborando com a DUDH, João XXIII proclama na Encíclica:

E, ao nos dispormos a tratar dos direitos do homem, advertimos, de início, que o ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente o alimento, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de

privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes de sua vontade (João XXIII 1963).

Entretanto, o Papa, que exerceu seu papado vivenciando a Guerra Fria, que esteve na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) como sargento do corpo médico e capelão militar dos soldados feridos e que durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando estava sediado na Turquia neutra, conseguiu salvar muitos judeus com a distribuição gratuita de permissões de trânsito fornecidas pela Delegação Apostólica, levanta sua voz nessa Encíclica contra o armamento e a guerra.

Costuma-se justificar essa corrida ao armamento aduzindo o motivo de que, nas circunstâncias atuais, não se assegura a paz senão com o equilíbrio de forças: se uma comunidade política se arma, faz com que também outras comunidades políticas porfiem em aumentar o próprio armamento. E, se uma comunidade política produz armas atômicas dá motivo a que outras nações se empenhem em preparar semelhantes armas, com igual poder destrutivo.

O resultado é que os povos vivem em terror permanente, como sob a ameaça de uma tempestade que pode rebentar a cada momento em avassaladora destruição. Já que as armas existem e, se parece difícil que haja pessoas capazes de assumir a responsabilidade das mortes e incomensuráveis destruições que a guerra provocaria, não é impossível que um fato imprevisível e incontrolável possa inesperadamente atear esse incêndio. Além disso, ainda que o imenso poder dos armamentos militares afaste hoje os homens da guerra, entretanto, a não cessarem as experiências levadas a cabo com uns militares, podem elas pôr em grave perigo boa parte da vida sobre a terra (João XXIII 1963).

E, assim, João XXIII conclama a humanidade para a paz:

A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial (João XXIII 1963).

Nesse mesmo sentido, Saramago, em 1997, alerta quanto ao armamento:

Espalhados por 64 países, existem mais de 110 milhões de minas antipessoais, à espera de que alguém lhes vá pôr o pé em cima. Não têm esperança em vão: em cada ano, por causa delas, morrem ou ficam mutiladas 24 000 pessoas, isto é, em cada vinte minutos rebenta uma mina. Só em Angola há mais de 12 milhões de minas ativas enterradas, uma para cada habitante, e ainda ficariam muitas minas para lhe arrancarem a outra perna. As minas são montadas em fábricas de armamento (tanto legais como ilegais) por operários especializados que, como é natural, cobram o seu salário. Esses operários conhecem perfeitamente o destino e as consequências dos produtos que lhes saem das mãos. Não tenho notícia de qualquer greve de protesto nessas fábricas (Saramago 2011a: 23).

Com essa preocupação e motivação, em 2009, Saramago começa a escrever o livro *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas* que ficou inconcluso com o seu falecimento em 18 de junho de 2010 aos oitenta e sete anos. Nesse livro, Saramago denuncia: «Todos os países, quaisquer que sejam, capitalistas, comunistas ou fascistas, fabricam, vendem e compram armas, e não é raro que as usem contra os seus próprios naturais. [...] É assim, mas não o deveria ser. [...] Não temos outro mundo» (Saramago 2014a: 29). Assim, Saramago termina seus dias no mundo provocando os seus leitores — através de um romance que apresenta um cenário de grande conflito moral — a fazerem uma reflexão sobre a apatia moral, tomando como argumento a produção e o uso de armas. «Toda a vida tenho estado à espera de ver uma greve de braços caídos numa fábrica de armamento, inutilmente esperei, porque tal prodígio nunca aconteceu nem acontecerá» (Saramago 2009b: 103).

Em *O caderno 2*, em 2009, Saramago fala de armas, guerra e paz:

Culturalmente é mais fácil mobilizar os homens para a guerra que para a paz. Ao longo da história, a Humanidade sempre foi levada a considerar a guerra como o meio mais eficaz de resolução de conflitos, e sempre os que governaram se serviram dos breves intervalos de paz para a preparação das guerras futuras. Mas foi sempre em nome da paz que todas as guerras foram declaradas. É sempre para que amanhã vivam pacificamente os filhos que hoje são sacrificados os pais... (Saramago 2009b: 80).

Há que pensar sobre esse contrassenso exposto por Saramago.

O Papa Paulo VI, a Encíclica *Populorum Progressio* (1967) e a Carta apostólica *Octogesima adveniens* (1971)

O Papa Paulo VI, Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, que nasceu em 1897, foi Papa de 21 de junho de 1963 até à data de sua morte em 6 de agosto de 1978. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. Ele escreveu sete Encíclicas e várias Cartas Apostólicas.

A Encíclica *Populorum Progressio* (sobre o desenvolvimento dos povos), de 1967, é um documento voltado para os problemas do Terceiro Mundo. Nela é declarado:

O desenvolvimento dos povos, especialmente daqueles que se esforçam por afastar a fome, a miséria, as doenças endêmicas, a ignorância; que procuram uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa das suas qualidades humanas; que se orientam com decisão para o seu pleno desenvolvimento, é seguido com atenção pela Igreja (Paulo VI 1967).

Assim, Paulo VI assinala a preocupação da Igreja Católica com as questões sociais da humanidade e realça as aspirações dos homens: «Ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situação que ofendam a sua dignidade de homens; ter maior instrução; [...]» (Paulo VI 1967). A Encíclica promove o desenvolvimento solidário da humanidade; conclui que «As excessivas disparidades econômicas, sociais e culturais provocam, entre os povos, tensões e discórdias, e põem em perigo a paz» (Paulo VI 1967); e conclama todos os homens e todos os povos para assumir suas responsabilidades.

José Saramago, crítico e cético quanto ao ser humano, alerta que: «[...] as boas coisas para uns precisamente têm os seus poréns para outros [...]» (Saramago 2006: 91), no livro *A jangada de pedra*; «Se o negócio é bom ou mau, isso depende, que o dinheiro não tem sempre o mesmo valor, ao contrário dos homens, que sempre valem o mesmo, tudo e coisa nenhuma» (Saramago 2011b: 107), no romance *Memorial do convento*; e, ainda, «O mundo não tem mais problemas que os problemas das pessoas» (Saramago 2002: 40), no livro *O homem duplicado*. Nesse contexto, Saramago classificava os romances *Ensaio sobre a cegueira* (publicado em 1995), *Todos os nomes* (1997) e *A caverna* (2000) como uma «trilogia involuntária» na base do mesmo caráter alegórico, pessimista e desen-

cantado de um mundo abandonado pela razão. São esses romances que trazem a crítica à sociedade contemporânea.

A Carta apostólica *Octogesima adveniens* (1971), alusiva ao 80.º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII que tinha por objeto a condição dos operários, traz a discussão da justiça social. Nela, o Papa faz referência à problemática ecológica, descrevendo-a como consequência direta da atividade descontrolada do ser humano.

[...] uma outra transformação começa a fazer-se sentir, conseqüência tão dramática quanto inesperada da atividade humana. De um momento para outro, o homem toma consciência dela: por motivo da exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação. Não só já o ambiente material se torna uma ameaça permanente, poluições e lixo, novas doenças, poder destruidor absoluto; é mesmo o quadro humano que o homem não consegue dominar, criando assim, para o dia de amanhã, um ambiente global, que poderá tornar-se-lhe insuportável. Problema social de envergadura, este, que diz respeito à inteira família humana (Paulo VI 1971).

E alerta para os problemas sociais:

Ao mesmo tempo que certas empresas se desenvolvem e se concentram, outras morrem ou deslocam-se, criando-se, assim, novos problemas sociais: desemprego profissional ou regional, reconversão e mobilidade das pessoas, adaptação permanente dos trabalhadores, disparidade das condições nos diversos ramos industriais. Uma competição desmedida, que utiliza os meios modernos de publicidade, lança sem cessar novos produtos e procura aliciar o consumidor; e então, as antigas instalações industriais, ainda em funcionamento, ficam inutilizadas. E, assim, enquanto vastíssimas camadas da população não podem ainda satisfazer as suas necessidades primárias, emprega-se o engenho em criar as necessidades supérfluas. Poder-se-á, pois, perguntar, com toda a razão, se, apesar de todas as suas conquistas, o homem não está voltando contra si próprio os frutos da sua atividade (Paulo VI 1971).

Nesse sentido, Saramago publica, em 2000, o romance *A caverna*, uma parábola social que fala da alienação da humanidade e da recusa de aceitação da situação por uma família de oleiros. No entanto, reforça a visão pessimista do escritor, que ganhara o Prêmio Nobel em 1998, num mundo classificado por ele como abandonado pela razão. É um romance que fala de mudanças e de como as estas são percebidas e assimiladas pelo ser humano:

[...] são os tempos que mudam, são os velhos que em cada hora envelhecem um dia, é o trabalho que deixou de ser o que havia sido, e nós que só podemos ser o que fomos, de repente percebemos que já não somos necessários no mundo, se é que alguma vez o tínhamos sido antes, mas acreditar que o éramos parecia bastante, parecia suficiente, e era de certa maneira eterno pelo tempo que a vida durasse [...] (Saramago 2000: 106-107).

O que se sabe não serve mais! «Trabalhas, trabalhas e trabalhas, e um dia [...] dizem-te que o que fizeste não serviu para nada» (Saramago 2000: 43). «Como é que uma pessoa se prepara para levar uma martelada na cabeça» (Saramago 2000: 42).

O romance *A caverna* leva os leitores à realidade de uma caverna moderna, um lugar sem correntes, mas onde o homem vive amarrado, preso, enjaulado... Uma realidade em que o novo totalitarismo se baseia na economia e nas multinacionais, os novos donos do mundo. Assim, o mais descartável que existe na atualidade é o ser humano.

A família de oleiros se recusa a aceitar a realidade do centro comercial. Desta forma, renasce a esperança, voltada para casos isolados e não como fenômeno social, ressaltando o pessimismo do autor que está descrente da humanidade, mas que ainda nutre uma pequena esperança: «[...] à espera de que a rotação do mundo voltasse a pôr todas as coisas nos seus lugares, sem esquecer algumas que até agora ainda não conseguiram encontrar sítio» Saramago (2000: 264).

O Papa João Paulo II e a Encíclica *Redemptor hominis* (1979)

João Paulo II, nascido Karol Józef Wojtyła em 1920, foi o chefe da Igreja Católica de 16 de outubro de 1978 até 2 de abril de 2005, quando faleceu. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história. Foi o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Adriano VI, em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século xx. Ele escreveu 14 Encíclicas e muitos outros documentos. Em vários desses, João Paulo II abordou o tema da destruição do ser humano e do ambiente. Em 1979, escreveu a Encíclica *Redemptor hominis*, sua primeira Encíclica, cujo tema foi discutir a situação do homem no mundo contemporâneo. João Paulo II alerta a humanidade para a própria ação do ser humano, nem sempre útil para a sociedade, e apresenta-o ameaçado pela produção do próprio ser humano.

O homem de hoje parece estar sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz; ou seja, pelo resultado do trabalho das suas mãos e, ainda mais,

pelo resultado do trabalho da sua inteligência e das tendências da sua vontade. Os frutos desta multiforme actividade do homem, com muita rapidez e de modo muitas vezes imprevisível, passam a ser, não tanto objecto de «alienação», no sentido de que são simplesmente tirados àquele que os produz, quanto, ao menos parcialmente e num círculo conseqüente e indirecto dos seus efeitos, tais frutos se voltam contra o próprio homem (João Paulo II 1979).

E prossegue, como Paulo VI, discutindo o verdadeiro valor do progresso:

O progresso da técnica e o desenvolvimento da civilização do nosso tempo, que é marcado aliás pelo predomínio da técnica, exigem um proporcional desenvolvimento também da vida moral e da ética. E no entanto este último, infelizmente, parece ficar sempre atrasado. [...] este progresso não pode deixar de gerar múltiplas inquietações. [...] Este progresso, de que é autor e futor o homem, torna de facto a vida humana sobre a terra, em todos os seus aspectos, «mais humana»? Torna-a mais «digna do homem»? (João Paulo II 1979).

E conclui: «Se, portanto, o nosso tempo [...] se nos manifesta como um tempo de grande progresso, ele apresenta-se também como um tempo de multiforme ameaça contra o homem» (João Paulo II 1979).

Em 1995, Saramago publica *Ensaio sobre a cegueira*, um romance alegórico pessimista em que ele narra a irracionalidade do mundo contemporâneo que está ao serviço do mercado, do lucro, da competição e da perda da razão do ser humano.

Estamos rodeados de imagens que nos mostram que o mundo está mal, mas nós estaremos bem pior no dia em que nos tivermos acostumado tanto à violência que a consideremos natural — ou cultural, se assim preferirem. Precisamos de uma outra maneira de olhar as imagens que nos mostram a realidade, já que com a realidade, ela própria, não ousamos enfrentar-nos (Saramago 2011a: 93).

A irracionalidade do mundo contemporâneo foi a mola propulsora para o desenvolvimento do *Ensaio sobre a cegueira*, que pode ser considerado um romance cruel, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano e, provavelmente, ao que há de pior nele. A cegueira alcança a todos, com exceção de uma única personagem que se procura manter racional. De início, vem o internamento num manicômio dos que perderam a visão, mas em seguida todos ficam cegos e a cidade entra num estado de degradação total,

com todo tipo de exploração: física, sexual, econômica, moral... Assim, Saramago apresenta a sociedade atual com todos os tipos de exploração e provoca a reflexão do leitor quando diz: «Penso que não cegámos, penso que estamos cegos. Cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem» (Saramago 1995: 310).

João Paulo II já alertava para a crise moral: «O nosso século tem sido até agora um século de grandes calamidades para o homem, de grandes devastações, não só materiais, mas também morais, ou melhor, talvez sobretudo morais» (João Paulo II 1979) e ressaltava a importância da Organização das Nações Unidas (ONU) e da DUDH. Saramago corrobora e enfatiza que:

O funcionamento do mundo deixou de ser o completo mistério que foi, as alavancas do mal encontram-se à vista de todos, para as mãos que as manejam já não há luvas bastantes que lhes escondam as manchas de sangue. Deveria portanto ser fácil a qualquer um escolher entre o lado da verdade e o lado da mentira, entre o respeito humano e o desprezo pelo outro, entre os que são pela vida e os que estão contra ela. [...] O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas cobardias do quotidiano, tudo isto contribui para essa pernicioso forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de servir os nossos interesses. Em tais casos não podemos desejar senão que a consciência nos venha sacudir urgentemente por um braço e nos pergunte à queima-roupa: «Aonde vais? Que fazes? Quem julgas tu que és?» Uma insurreição das consciências livres é o que necessitaríamos. Será ainda possível? (Saramago 2009b: 207).

Portanto, Saramago afirma que o mundo precisa do despertar das consciências dos seres humanos.

O Papa Bento XVI e a Encíclica *Caritas in veritate* (2009)

O Papa Bento XVI, em 2009, encaminhou a Encíclica *Caritas in veritate* «a todos os homens de boa vontade» (Bento XVI 2009) que teve por objeto o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Nela, Bento XVI reflete sobre a Encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI, e alerta que as causas do subdesenvolvimento não são primariamente de ordem material, convidando a procurá-las noutras dimensões do homem. «A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade» (Bento XVI 2009). E afirma que

a realidade do mundo em 2009 é bem pior do que a relatada por Paulo VI em 1967. Ele denuncia a situação do mundo contemporâneo:

Cresce a riqueza mundial em termos absolutos, mas aumentam as desigualdades. Nos países ricos, novas categorias sociais empobrecem e nascem novas pobreza. Em áreas mais pobres, alguns grupos gozam duma espécie de superdesenvolvimento dissipador e consumista que contrasta, de modo inadmissível, com perduráveis situações de miséria desumanizadora. [...] Infelizmente a corrupção e a ilegalidade estão presentes tanto no comportamento de sujeitos económicos e políticos dos países ricos, antigos e novos, como nos próprios países pobres. No número de quantos não respeitam os direitos humanos dos trabalhadores, contam-se às vezes grandes empresas transnacionais e também grupos de produção local. As ajudas internacionais foram muitas vezes desviadas das suas finalidades, por irresponsabilidades que se escondem tanto na cadeia dos sujeitos doadores como na dos beneficiários. Também no âmbito das causas imateriais ou culturais do desenvolvimento e do subdesenvolvimento podemos encontrar a mesma articulação de responsabilidades: existem formas excessivas de protecção do conhecimento por parte dos países ricos, através duma utilização demasiado rígida do direito de propriedade intelectual, especialmente no campo da saúde; ao mesmo tempo, em alguns países pobres, persistem modelos culturais e normas sociais de comportamento que retardam o processo de desenvolvimento (Bento XVI 2009).

Bento XVI fala da crise económica, dos sistemas de segurança e previdência do ponto de vista social; da mobilidade laboral associada à generalizada desregulamentação; do ecletismo cultural; da fome; e do respeito pela vida e enfatiza a aplicação da caridade nas possíveis soluções.

Saramago reflete sobre o sentimento da bondade, confrontando-o com a justiça e a caridade:

Se a mim me mandassem dispor por ordem de precedência a caridade, a justiça e a bondade, daria o primeiro lugar à bondade, o segundo à justiça e o terceiro à caridade. Porque a bondade, por si só, já dispensa a justiça e a caridade, porque a justiça justa já contém em si caridade suficiente. A caridade é o que resta quando não há bondade nem justiça (Saramago 2009a: 105-106).

Em 2002, Saramago publica *O homem duplicado* que mantém a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura

do descartável e com a alienação do ser humano. Nesse romance é apresentado um ser humano incapaz de se ver no próximo, em que o «eu» fica ameaçado pela presença do «outro». Portanto, enquanto o mundo se globaliza através de uma cultura geral (moda, música, costumes...), o ser humano não se vê no seu igual, ou melhor não aceita o outro igual a si. Nesse romance fica explícita a agressividade da humanidade num mundo em que cada vez mais se deterioram as relações entre os seres humanos. Nesse mundo, relatado por Saramago, não há lugar para a caridade; e a justiça e a bondade estão fora de uso. Ele discorre sobre a globalização de sentimentos:

Deixando agora de lado se deveríamos ou não envergonhar-nos de ser a espécie a que pertencemos aquilo que é, ao menos envergonhemo-nos das nossas apatias, das nossas indiferenças, das nossas cumplicidades tácitas ou abertas, das nossas penosas cobardias disfarçadas de neutralidade. Já que os poderes do mundo se mostram tão empenhados em globalizar-nos, globalizemo-nos nós por nossa conta... (Saramago 2011a: 233).

Num mundo em que a razão não considera a ética e em que o ser humano não considera seu semelhante, Saramago (2002: 103) lembra que: «O caos é uma ordem por decifrar».

O Papa Francisco e a Encíclica *Laudato si'* (2015)

Nesta Encíclica, o Papa Francisco faz uma revisão de documentos escritos por seus antecessores, de forma a mostrar que há mais de cinquenta anos a Igreja Católica vem-se preocupando com a «casa comum» e lembra que: «O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos» (Francisco 2015). Ele diz que as publicações dos Papas são oriundas da reflexão de cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais, incluindo as preocupações desenvolvidas por outras religiões. Fala de São Francisco de Assis, inspiração para seu pontificado: «Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior» (Francisco 2015), ressaltando a simplicidade e a harmonia em que ele vivia com os outros, com a natureza e consigo mesmo.

Em primeiro, ele dicorre sobre «O que está acontecendo com a nossa casa» (Francisco 2015) e fala da poluição e das mudanças climáticas:

A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. [...] Ainda não se conseguiu adotar um modelo circular

de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não-renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os (Francisco 2015).

Saramago, mais enfático, corrobora e denuncia:

Poluir, isto é, sujar, conspurcar, envenenar, intoxicar, é tão inevitável para o homem como produzir sombra se está ao alcance de um foco luminoso. [...] outras sombras se alinhariam ao lado daquela, mas os nomes dessas (guerra, fome, racismo, intolerância, e mais, e mais) já todos nos habituámos, e por isso protestamos tão pouco. Porque a verdade é que o homem suporta muito melhor as coisas do que os nomes delas, enquanto a eles não se habitua. Depois suporta tudo.

Em regra, vem a estabelecer-se um equilíbrio que permite ir vivendo entre a ameaça da extinção total e a total erradicação dessa ameaça. Sabiamente, toleram os fabricantes de armas as campanhas a favor da paz, e este é o exemplo mais direto que destes equilíbrios poderíamos dar. Também a poluição não será eliminada. Há-de igualmente estabelecer-se um equilíbrio que permita a venda lucrativa dos processos de a combater até aquele nível que, por um lado, a torne tolerável, e, por outro, não ponha em perigo a prosperidade da indústria que proporcionará os meios para esse combate.

[...] Punir delitos é fácil, se há suficiente decisão para isso, mas evitá-los, preveni-los, liquidá-los à nascença, requer outro saber e outra firmeza (Saramago 2014b: 64-65).

Portanto, a visão de Saramago é de descrença na humanidade. No entanto, o Papa Francisco ainda confiante no ser humano, apela para a consciência da humanidade. «A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam» (Papa Francisco 2015).

E alerta sobre quem serão os mais atingidos:

Muitos pobres vivem em lugares particularmente afectados por fenómenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema como a agricultura, a pesca e os recursos florestais (Francisco 2015).

Saramago, mais enfático e descrente, fala do ser humano:

Pela razão que em si habita, libertou-se da sujeição cega à natureza e afeiçoou-a às suas necessidades. Errou muitas vezes, emendou-se e insistiu no caminho, e hoje, vivida uma história de milénios, acha-se, ao que parece, diante da possibilidade de desaparecer da face da Terra, não, como chegou a imaginar-se, através do desastre nuclear, do envenenamento radiativo, mas simplesmente, absurdamente, porque comeu tudo quanto havia para comer, ao mesmo tempo que sujava a mesa e a toalha... (Saramago 2014b: 40-41).

Em segundo, o Papa Francisco discorre sobre a questão da água e prevê «[...] que o controle da água por grandes empresas mundiais se transforme em uma das principais fontes de conflito deste século» (Francisco 2015); e alerta para os que são mais afetados pela qualidade e escassez da água, consequências do desperdício e da poluição: «Um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por microorganismos e substâncias químicas» (Francisco 2015). Saramago, inconformado com a pobreza no Mundo, exclama: «A pobreza é uma humilhação» (Saramago apud Aguilera 2010: 490) e corrobora com a visão do Papa: «O planeta está em perigo. Por exemplo, não me surpreenderia que no futuro a água fosse motivo de guerra» (Saramago apud Aguilera 2010: 490).

Em terceiro, o Papa Francisco fala da perda da biodiversidade e denuncia: «Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer [...]» (Francisco 2015) e proclama: «É preciso investir muito mais na pesquisa para se entender melhor o comportamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis de impacto de qualquer modificação importante do meio ambiente» (Francisco 2015).

Saramago segue na mesma linha e denuncia os desvarios da humanidade, enquanto enfatiza a falta de opções no mundo para os mais pobres:

Todos os dias desaparecem espécies animais e vegetais, idiomas, ofícios. Os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres [...] A ignorância expande-se de forma aterradora. Temos um gravíssimo problema na redistribuição da riqueza. A exploração chegou a requintes diabólicos. As multinacionais dominam o mundo. Não sei se são as sombras ou as imagens que nos ocultam a realidade (Saramago 2009b: 107).

Em quarto, o Papa explora a deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social:

Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais das algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade (Francisco 2015).

É a barbárie denunciada em *Ensaio sobre a cegueira*. Saramago credita a responsabilidade da situação do mundo ao próprio ser humano: «[...] o pior inimigo do homem é, evidentemente, o mesmo homem...» (Saramago 2014b: 126).

Em quinto, o Papa reforça a desigualdade planetária enfatizando que «o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto» (Francisco 2015) e sinaliza que «é preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença» (Francisco 2015). Saramago denuncia a indiferença dos sistemas financeiros e a apatia da sociedade:

Que fazemos nós, que assistimos, impotentes, ao avanço esmagador dos grandes potentados económicos e financeiros, loucos por conquistar mais e mais dinheiro, mais e mais poder, com todos os meios legais ou ilegais ao seu alcance, limpos ou sujos, regulares ou criminais? (Saramago 2009b: 239-240).

O ser humano não se deve acomodar à situação, mas indignar-se quando for necessário e Saramago explora o sentimento de dignidade no ser humano: «[...] dignidade, isso que não se vende nem se deixa comprar, o que é no ser humano o grau supremo» (Saramago 2009b: 222).

Em sexto, o Papa pontua as fraquezas das reações e faz a crítica: «A submissão da política à tecnologia e à economia demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente» (Francisco 2015). E discorre sobre a degradação ambiental e a degradação humana e ética. Saramago também fala das vozes que denunciam, mas que não criam movimentos positivos para a humanidade: «De vez em quando, e com uma regularidade que poderia levar a acreditar em revezamento premeditado, surgem vozes de alarme contra a rapidez com que se vão consumindo as reservas naturais do planeta» (Saramago 2014b: 39-40).

Em sétimo, o Papa reflete sobre a diversidade de opiniões. Enquanto uns defendem o progresso, outros vêem o ser humano como uma ameaça ao ecossistema mundial. O Papa Francisco lembra que:

[...] parece notar-se sintomas dum ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada (Francisco 2015).

Saramago, por sua vez, diz que «Tranquilizemo-nos, porém: o homem é o animal mais resistente da Terra, porque se nutre de um alimento invisível chamado esperança» (Saramago 2014b: 76).

Conclusões

Saramago encaminha seus leitores para a reflexão sobre o retorno à razão, à ética e à solidariedade. Em suas falas, em entrevistas, apontamentos e textos publicados, Saramago se mantém pessimista quanto à ação do homem no mundo. «[...] o mundo será igual ao que é hoje, como é igual, hoje, ao que era há quatrocentos anos. Refiro-me à intolerância e à crueldade, não à exploração do espaço nem aos computadores...» (Saramago 2011a: 131).

No mesmo sentido, os Papas, através de Encíclicas, vêm tentando sensibilizar a humanidade para os problemas do mundo e as ações do ser humano.

Qualquer que seja o progresso, se é progresso, não pode ir contra a humanidade. No entanto, Saramago afirma que «O progresso beneficia só uma minoria» (Saramago apud Aguilera 2010: 157). Não deveria estar o progresso aliado a uma consciência moral? João Paulo II (1979) denunciou a incapacidade dos sistemas de resolver as injustiças sociais:

A amplitude do fenómeno põe em questão as estruturas e os mecanismos financeiros, monetários, produtivos e comerciais, que, apoiando-se em diversas pressões políticas, regem a economia mundial: eles demonstram-se como que incapazes quer para reabsorver as situações sociais injustas, herdadas do passado, quer para fazer face aos desafios urgentes e às exigências éticas do presente.

E responsabilizou o próprio ser humano pelo que acontece no mundo.

O Papa Francisco, sempre preocupado com os mais indefesos, avisa que a própria terra está indefesa e necessita de cuidados urgentes: «Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada [...]» (Francisco 2015).

Em toda a obra de Saramago, percebe-se a crítica e a indignação com a crise financeira, a crise econômica, a crise política, a crise religiosa, a crise ambiental,

a crise energética, mas principalmente a crise moral que segundo ele está no âmago do ser humano. «[...] a própria humanidade se encarregará de destruir o mundo e destruir-se a si mesma» (Saramago 2011a: 47).

Pode-se concluir que o esforço dos Papas, em especial do Papa Francisco em sua Encíclica *Laudato si'*, em conclamar a humanidade a cuidar de si, do outro e da natureza, é endossado pela obra de Saramago. Cabe a cada um escolher que ações efetuar e que lado tomar. «Nós diríamos que precisamente por causa da recusa de examinar os erros passados e pô-los a claro é que, infalivelmente, recaímos em novos erros, com a esperança, sempre confirmada, de que o futuro venha, se não desculpá-los, pelo menos a caridosamente os cobrir com o véu do esquecimento...» (Saramago 2014b: 143). Assim, Saramago convoca o ser humano a refletir sobre alteridade e pertencimento. Tudo e todos alertam que o tempo se está esgotando. Saramago, através de sua obra, chama a humanidade a ver e reparar a casa mundo e justifica seu agir: «O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve» (Saramago, 2009b: 157).

Referências bibliográficas

- Aguilera, Fernando Gómez (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Alfragide: Caminho.
- Bento XVI (2009). Encíclica *Caritas in veritate*. http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.
- Francisco (2015). Encíclica *Laudato si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas.
- João Paulo II (1979). Encíclica *Redemptor hominis*. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html.
- João XXIII (1963). *Pacem in terris*. http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html.
- ONUBR (2009). Declaração Universal dos Direitos Humanos. <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>.
- Paulo VI (1967). *Populorum Progressio*. http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html.
- Paulo VI (1971). *Octogesima adveniens*. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html.

- Saramago, José (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (1998). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Saramago, José (2000). *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (2002). *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (2006). *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (2009a). *O caderno*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (2009b). *O caderno 2*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Saramago, José (2011a). *Cadernos de Lanzarote: diário V*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Saramago, José (2011b). *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Saramago, José (2014a). *Alabardas, alabardas, espingardas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José (2014b). *Os apontamentos*. Lisboa: Porto Editora.